

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO IDENTITÁRIA

Liriana Zanon Stefanello, Maria Medianeira Padoin

Universidade Federal Santa Maria/Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Avenida Roraima, nº 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, cep. 97105900, Santa Maria – RS. E-mail lirianazs@yahoo.com.br; mepadoin@terra.com.br.

Resumo-Com o passar dos tempos observa-se que muitas concepções se transformaram na sociedade. A identidade é um exemplo dessas alterações. Durante o iluminismo sua noção identitária era baseada em um sujeito unificado e centrado. O sujeito social estaria integrado com seu meio e em constante afirmação, uma percepção ainda muito recorrente na sociedade moderna contemporânea. Esta constante busca pela identificação possibilita a coexistência de várias identidades e permite, a cada indivíduo, participar de uma ou várias destas identidades, não havendo nenhum problema com isso. Neste sentido, o patrimônio cultural é de suma importância para a materialização de uma identidade.

Palavras-chave: identidade, cultura, história

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

A maneira com que os indivíduos se percebem no interior de um grupo foi se alterando ao longo do tempo. Com o iluminismo têm-se as raízes de um sujeito sociológico que além de manter as características renascentistas, compreende-se em constante interação com o meio. No entanto, só se tornará político quando se entender como sujeito histórico e como tal, responsável pela transformação de sua própria realidade.

Neste sentido, entende-se a importância que adquirem os traços culturais eleitos por um determinado grupo para manter-se coeso.

Assim sendo, este trabalho tem por objetivo elencar algumas discussões sobre a questão identitária que possibilita uma maior compreensão da sociedade moderna contemporânea, na qual se observa uma multiplicidade de identidades coexistindo, utilizando para tanto, principalmente os autores Stuart Hall e Denys Cuhe.

Metodologia

Este trabalho pretende, de forma sintética e com base em fontes bibliográficas, refletir e articular maneiras diferenciadas de compreensão em torno de um mesmo tema, no caso, a identidade.

Os livros centrais dessa apreciação são dos autores Denys Cuhe e Stuart Hall. Além de algumas reflexões e outras leituras como D'Alessio (1998) e Arevalo (2007). Este conjunto de textos faz parte de uma continuidade de temas relacionados que são fundamentais para o estudo de outras questões, como por exemplo, patrimônio cultural.

Resultados

Verificou que as noções de identidade são trabalhadas por vários autores e de maneiras diferenciadas. Dessa forma este processo precisa ser compreendido e entendido em sua historicidade. Um dos autores que aborda esta questão é Stuart Hall, para tanto elenca três concepções de identidade. A primeira relacionada ao sujeito do iluminismo, o qual se baseava num indivíduo totalmente centrado, unificado, ou seja, remonta as características individualistas e racionalistas do renascimento. A segunda relaciona-se à noção de um sujeito sociológico, que além de manter essas características de um sujeito individual, racional, percebe-se como parte da sociedade e, portanto, sua identidade é resultado de sua interação com o meio.

Com a complexificação da sociedade moderna e o avanço do capitalismo “as leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar, depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno” (HALL, 2004). Surgiria assim, uma concepção mais social de sujeito. De acordo com essa idéia, o indivíduo está localizado dentro das estruturas e formações que sustentam a sociedade moderna. No entanto, ainda é visto como determinado pelas relações sociais, e não como sujeito histórico.

Com a descoberta do inconsciente por Freud (HALL, 2004), o indivíduo passa a ser visto de forma diferente e as concepções de sujeito estão embasadas em processos “psíquicos e simbólicos” estando desta forma, em constante alteração. Assim como essa mudança está atrelada às novas concepções em relação e este

indivíduo compreendido agora como um ser autônomo, independente, com anseios e necessidades.

Contribuiu igualmente para esta mudança a disciplinarização deste sujeito, que foi intensamente praticada ao longo do século XIX e XX, seja em seu trabalho, na sua vida, na sua saúde, na sua família. Pretendendo-se além da vigilância o isolamento e a individualização deste sujeito (HALL, 2004). Esse processo foi intensificado na década de 60 do século XX, com o surgimento de diversos movimentos sociais e novos sujeitos políticos.

Neste contexto, são criadas as raízes de um sujeito que não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2004). Isso pode ser visualizado e é muito recorrente em nosso meio, pois à medida que essas representações culturais se multiplicam resultam em várias identidades possíveis, o que possibilita a identificação com cada uma delas, pelo menos temporariamente.

Assim, é possível afirmar que na sociedade moderna contemporânea as mudanças são constantes, rápidas e permanentes. Podem-se identificar as conseqüências políticas desta pluralidade de identidades. A identidade muda de acordo com as interpelações e representações sofridas pelo indivíduo e esta identificação pode ser ganha ou perdida, como afirma Hall (2004). É justamente na emergência dessas novas identidades que participam movimentos sociais da nova base política, como os movimentos ecológicos, feministas, homossexuais, por exemplo.

Desta forma, Cuche (1999) apresenta esta multiplicidade de identidades, identidade essa, compreendida como “uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999). Para este autor é importante a distinção entre identidade e cultura, entendida como dependente de processos inconscientes. No entanto, se considerarmos a identidade como um processo de pura escolha se estará negando a interação dessas pessoas com o meio, ou seja, que ela é uma construção social “que se dá no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas” (CUCHE, 1999).

Por isso, é fundamental entender que a identificação e a diferenciação caminham juntas, pois só há identificação com algo quando se percebe a diferença. Dessa forma criam-se limites entre grupos, que se expressam na diferença cultural, na qual o uso de certos traços culturais marcam uma identidade específica. Só que esses limites são mutáveis e susceptíveis a trocas, as quais em última instância transformam as identidades que se pode inferir a partir destas

análises é principalmente que a sociedade moderna contemporânea é composta de uma multiplicidade de identidades coexistindo, assim como que estas identidades procuram eleger traços que as identifiquem utilizando para isto o patrimônio cultural.

Discussão

Ao abordar a questão das identidades culturais, Cuche (1999) afirma que esta se remete à identidade social, ou seja, está associada a um sistema social que permite a um indivíduo se localizar socialmente. Assim sendo, os dois autores identificam esse processo de constante alternância de identidades. Outro dado importante, relativo às novas identidades tem uma base política e aqui se pode detectar a “proliferação do uso de “cultura” nos círculos de poder” (CUCHE, 1999). Estes círculos, que permitem a compreensão do significado das ações políticas e a socialização política, fazem parte da construção identitária do indivíduo.

Como exemplo, a cultura de empresa, manipula ideologicamente e legitima a sua organização de trabalho, e nesse sentido ela apaga as diferenças entre os grupos sociais. Isso já havia ocorrido anteriormente, com a criação do estado nacional moderno, o qual buscou construir uma identidade nacional.

No entanto, os dois autores enfatizam que essa identidade nunca suprimiu as outras, pois se vive um momento que surgiu nos anos de 1970, de exaltação da diferença, influenciada talvez pelo enfraquecimento do “Estado-nação, da extensão da integração política supranacional e de certa forma da globalização da economia” (CUCHE, 1999).

Esse estado-nação objetivava criar uma cultura homogênea, mas para isso se utilizava de mecanismos de padronização, como uma única língua. Essa cultura nacional criou um discurso, no qual cada indivíduo pode-se identificar, com isso, foram criadas memórias que ligavam seu passado ao seu presente. Essa cultura nacional buscou, portanto, o que Hobsbawm (1983) chamou de tradição inventada, ou seja, através de “um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica que buscavam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição” (Hobsbawm, Apud HALL, 2004), que implicou na continuidade com um passado histórico.

Hall (2004) entende que as identidades locais estão sendo reforçadas principalmente como forma de resistência ao processo de globalização, que tem raízes na modernidade, com o capitalismo, criando novas identidades híbridas. Isso se deve pela compreensão de tempo e espaço permitido por essa globalização, em que os sistemas de comunicação e o mercado estão

globalmente interligados e desvinculam essas identidades de seus tempos, lugares, histórias e tradições. Nesse embate, entre o local e o global, foram criadas essas novas identidades (HALL, 2004).

Esse processo caminhou junto ao fortalecimento de identidades locais e a produção de novas identidades. Foi aqui que Hall (2004) distinguiu a tradição da tradução, sendo que a primeira seria a tentativa de restaurar a pureza cultural e recobrir as unidades e certezas que eram sentidas como tendo sido perdidas; a passo que o processo de tradução compreendeu aqueles processos identitários que atravessaram as fronteiras naturais, de forma que as “pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado” (HALL, 2004), e através de negociações com as novas culturas não foram assimiladas e não perderam completamente suas identidades.

Aqui se retoma o exemplo abordado por Cuche (1999), quando este fala da cultura de empresa, em que essa é, ao mesmo tempo, “o reflexo de uma cultura ambiente e uma produção nova elaborada no interior da empresa através de uma série de interações existentes em todos os níveis entre os que pertencem à mesma organização” (CUCHE, 1999, p.220).

É importante distinguir-se, algo que estava cada vez mais presente e mais forte. Foram criadas novas formas culturais: as sociedades híbridas, nas quais coexistiam diferentes culturas e identidades.

Dois fenômenos tentaram reavivar uma cultura pura, com o fechamento na tradição: ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo, com os quais se objetivou “construir estados que sejam unificados tanto em termos éticos quanto religiosos, e criar entidades políticas em torno de identidades culturais homogêneas”(HALL, 2004, p.93).

Outra questão cultural que é importante destacar nesse estudo refere-se aos hábitos dos imigrantes europeus, principalmente os italianos no Rio Grande do Sul, que o retorno ao local, regional proclamam o regresso as origens, e por isso, é como se essas culturas não tivessem sofrido as ações do tempo, como se tivessem ficado estagnadas. No entanto, ao remeter-se ao estado italiano de origem, verifica-se que a realidade atual não é aquela “cultuada” como a identidade italiana no RS. O conhecimento que se tem da cultura italiana, tanto no Brasil quanto na Itália, atualmente, é diferente do que aconteceu no século XIX, pois o estado italiano estava a pouco unificado e as marcas da região/local eram bem mais fortes que as de uma unidade cultural nacional: a italiana. Além dessa unidade cultural, tem-se que considerar todo o processo de

influências de outras culturas. Os descendentes dos imigrantes italianos elegeram símbolos e traços culturais que os identificaram com “a cultura italiana”. Atualmente, essa cultura não é a mesma do período em que ocorreu a emigração, também sofreu a influência de outras culturas, através do contato desses imigrantes com outros grupos étnicos aqui no Brasil. Por isso, há a afirmação de que a cultura italiana foi modificando-se com o curso da história.

Pode-se inferir que esses descendentes procuraram traços culturais comuns que os liguem a seus antepassados, como forma de identificação, de afirmação da cultura italiana exaltando peculiaridades com relação às demais culturas.

O que objetiva-se ao estudar a questão da identidade dos descendentes de imigrantes italianos, por exemplo, é compreendê-la como “referência, conjunto de formas de ser, de valores e de códigos nos quais as pessoas se reconhecem. A adesão desse conjunto desenvolve nas pessoas o sentimento de pertença” (D’ALÉSSIO, 1998). Por isso, tem-se a necessidade de construir uma memória e essa é uma necessidade da história, das pessoas. Devido à importância da preservação dessa memória, “a necessidade de reconstituição de si mesma, encarada como algo do passado para o presente e por isso preservar vestígios”(AREVALO,2007).

Nesse ponto, observa-se a importância que adquire o patrimônio como materialização de uma identidade, que é, acima de tudo, imaterial, pois deve estar constituída na memória das pessoas.

Por isso é essencial termos bem claro que lembrar não é reviver algo, mas refazer, reconstruir, repensar, com a bagagem que temos hoje, as experiências do passado. De acordo com isso é que o autor afirma que a “cultura que os descendentes tentam preservar é apenas cultura em migalhas”(CUCHE, 1999).

É de suma importância à afirmação de Santos (1996), porque ele diz que a “discussão sobre cultura, pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria realidade social”(SANTOS, 1996) e, acima de tudo, não existe uma cultura superior ou inferior, mas ligadas e relacionadas a determinados interesses e níveis de poder. Sendo assim, conhecimento e entendimento desta diversidade cultural possibilita a dominação política. Assim, é compreensível quando Santos diz que “as preocupações com a cultura surgiram assim associadas tanto ao progresso da sociedade e do conhecimento quanto das novas formas de dominação” (SANTOS, 1996).

Por isso, vive-se em meio a uma “multiplicidade de identidades”, mas esse é um processo que deve ser estudado para ser compreendido, pois como todo o processo

histórico está temporalmente e espacialmente localizado, e, por conseguinte relacionado à dinâmica da história.

- SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Conclusão

De acordo com os autores, se esta vivenciando um período em que coexistem diferenciadas identidades. Este fenômeno é resultado de um processo histórico no qual emergiram novos sujeitos políticos que passaram a se entenderem como históricos, responsáveis pela transformação de sua realidade. Ao buscarem se afirmar enquanto grupo elegem traços que os unem, que marcam uma identidade específica, no entanto estes traços estão sujeitos a transformações a trocas o que pode modificar as identidades. Portanto, não há incoerência em se identificar com um ou mais grupos ao mesmo tempo, ou pelo menos temporariamente.

Dessa forma é fundamental compreender que neste processo onde o retorno ao local é enfatizado em detrimento de uma identidade nacional, criam-se identidades híbridas na qual os diversos grupos étnicos procurem elencar vestígios que os liguem a seus antepassados demonstrando aos demais o que lhes é peculiar. Exemplos disso são as constantes buscas dos descendentes de imigrantes italianos, alemães e japoneses em torno do que elegem como traços culturais ou símbolos que os representam e os identificam.

Neste sentido, é fundamental entender que não existe uma cultura superior ou inferior à outra e que nesta sociedade as mudanças são incessantes, ligeiras e contínuas, características de sociedades híbridas, com plurais identidades e culturas.

Referências

- AREVALO, Márcia Conceição da Massena. **Lugares de Memória ou a Prática de Preservar o Invisível Através do Concreto**. Disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/marcia.htm>. Acesso em julho de 2007.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da Memória na Historiografia: Identidade, Subjetividade, Fragmentos e Poderes. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC**. São Paulo: EDUC, nº. 17, 1998. p 269-280.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.